

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO MAGISTÉRIO: PERSPECTIVAS, DESAFIOS E CAMINHOS

Grazielly Farias Rodrigues¹

Wanessa Freitas Lobato²

¹Graduanda da universidade federal do Pará, Abaetetuba-Pa, Brasil,
grazielly.rodrigues@abaetetuba.ufpa.br

²Graduanda da universidade federal do Pará, Abaetetuba-Pa, Brasil,
wanessa.lobato@abaetetuba.ufpa.br

Resumo

Este trabalho investigou os desafios enfrentados pelos professores na transição do magistério para a sala de aula, analisando como a formação inicial impacta a prática pedagógica. Com o objetivo de compreender essas experiências, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas com docentes formados na década de 1990. Os resultados indicam que o magistério foi essencial na construção do conhecimento teórico e prático, permitindo a aplicação direta dos conteúdos aprendidos, mas também evidenciaram desafios como a falta de recursos, o suporte institucional limitado e a necessidade de formação continuada. O estudo se fundamentou em teóricos como Paulo Freire (1996), Lomba e Filho (2022), Tanuri (2000), Rêgo e Lima (2010), Lomba e Schuchter (2023). Conclui-se que a valorização da formação docente e a implementação de políticas públicas mais eficazes são fundamentais para melhorar a qualidade do ensino. Além disso, recomenda-se que futuras pesquisas analisem o impacto das políticas educacionais na trajetória dos professores, a influência das novas tecnologias na prática docente e a evolução da pedagogia entre diferentes gerações. Investigar as percepções e desafios enfrentados pelos educadores pode contribuir para a formulação de políticas mais alinhadas com as reais necessidades da profissão.

Palavras-chave: Magistério. Prática pedagógica. Formação de professores.

Introdução

A motivação da pesquisa se deu a partir de debates sobre o magistério e a formação dos professores licenciados na década de 90 na cidade de Abaetetuba/Pa. A perspectiva dos professores do magistério e sua formação é amplamente debatido ao que se trata da qualidade da educação básica, uma vez que esses profissionais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento acadêmico e social dos alunos. A formação docente envolve não apenas a aquisição de conhecimentos teóricos e metodológicos, mas também a experiência prática e a reflexão crítica sobre a atuação na sala de aula.

Como questão norteadora nos embasamos no seguinte questionário: Como os

professores do magistério percebem sua formação e quais são os principais desafios enfrentados no decorrer da profissão? A partir dessa problemática, buscamos compreender as experiências dos docentes formados no curso de magistério e analisar como essa formação impacta sua atuação em sala de aula. Nesse sentido, Paulo Freire (1996, p. 13) afirma que “não há docência sem discência”, ressaltando que o processo formativo do professor se constrói na prática reflexiva e na relação dialógica com os sujeitos envolvidos no processo educativo. Assim, pensar a formação docente implica compreendê-la como um movimento contínuo de ação e reflexão.

Este artigo trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, para (Chizzotti, 2006), a pesquisa qualitativa pressupõe que o conhecimento é construído por meio da interação dinâmica entre o sujeito e o objeto de estudo, onde o pesquisador busca analisar o comportamento de determinado grupo em seu local natural a partir de uma intervenção, portanto, busca-se aprofundar as percepções, vivências e reflexões dos professores sobre sua trajetória profissional. A pesquisa qualitativa é social, empírica e visa caracterizar as variedades no seu lugar natural. Ou seja, não se baseia em um único método e busca trabalhar com significação por meio de valores, atitudes, instigações e outros sentidos que não podem ser contabilizados numericamente. Trata-se da interpretação da relação do mundo real com o sujeito.

Há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são fundamentais no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas (Prodanove & Freitas, 2013, p.70).

Por meio dessa abordagem, é possível fazer uma análise mais ampla e subjetivo sobre os desafios enfrentados na docência, valorizando as experiências individuais e coletivas dos educadores.

Como técnica de obtenção de informações, utilizamos a entrevista semiestruturada. Recorreremos a essa técnica como ponto de partida para coletar informações através de entrevista feita de forma presencial com os professores. Para a entrevista, utilizamos um breve roteiro de perguntas flexíveis que permitiu ao entrevistado responder sem se ater a uma ordem diretiva. Assim, foi possível agir de forma natural ao responder as perguntas, permitindo uma interação entre quem faz a pergunta e quem responde. Lüdke e André (1986, p. 33) afirmam que a entrevista “[...] desempenha um importante papel não apenas nas atividades científicas como em muitas outras atividades humanas”. A entrevista será direcionada a dois professores que concluíram o curso de Magistério, e as questões a serem

abordadas incluem: Formação dos sujeitos, prática docente, experiências e aprendizados, e memórias e percepções. Após a obtenção das entrevistas, realizaremos uma análise interpretativa das respostas.

O objetivo do trabalho é analisar as perspectivas dos professores formados no curso do magistério, buscando compreender como se deu seu processo de formação inicial, quais concepções pedagógicas marcaram sua trajetória e os desafios enfrentados ao longo da formação. Além disso, busca-se entender de que maneira essa formação impactou em sua prática docente no contexto escolar, refletindo sobre as contribuições, limitações e aprendizagens construídas ao longo do exercício da profissão e também do sentimento de ser professor da educação básica de escolas públicas.

Desenvolvimento

A pesquisa foi feita com dois professores que fizeram o magistério, a professora Ana (nome fictício), concluiu o magistério no ano de 1997, hoje ela não atua como docente, no entanto sua experiência no magistério nos mostrou como o mesmo foi relevante na época e como se dava esse percurso. O segundo sujeito da entrevista é o professor João (nome fictício), ele concluiu o curso ano de 1996, além do magistério ele possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará-Campus de Abaetetuba e até hoje atua como docente na cidade de Abaetetuba. Suas histórias de vida na docência são inspiradoras, carregada de desafios e superações, conquistas e contribuições para a educação. Ambos os sujeitos atuaram como professores nas ilhas da cidade de Abaetetuba/Pá, e no decorrer desse trabalho iremos também fazer uma relação da realidade dessas localidades.

A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DO MAGISÉRIO SOBRE SUA FORMAÇÃO

A formação de profissionais da educação se constrói a partir de seu contexto social, cultural e econômico, durante seu tempo de formação será construído a sua identidade pessoal e profissional, suas características de práticas e seus ideais. Em uma entrevista António Nóvoa afirma que existem muitos modos de se tornar professor/a, porém, em todos eles “é imprescindível compreender a complexidade da profissão em todas as suas dimensões: teóricas, experienciais, culturais, políticas, ideológicas e simbólicas” (Lomba; Schuchter, 2023, p. 1).

O magistério, enquanto formação inicial para a docência, desempenha um papel fundamental na preparação dos educadores, embora seja frequentemente visto como insuficiente para as demandas atuais da educação. Tradicionalmente, os cursos de magistério no Brasil eram caracterizados por uma estrutura simples, com conteúdo limitado

e pouca ênfase na prática pedagógica, o que, muitas vezes, resultava em uma formação fragilizada para o desempenho efetivo da função docente.

[...] as informações eram insuficientes, e o conteúdo que era ensinado não me preparou bem para dar aulas, eu aprendi de fato ser professor na sala de aula e quando ingressei na universidade. [...] O segundo grau em relação a informações científicas eram insuficientes. (João, 2025).

A experiência do professor João reforça a ideia de que o curso do magistério embora tenha sido importante, o seu processo formativo não contemplou todas nuances necessárias para uma formação completa, ao entender esse déficit deixado em sua formação o entrevistado procurou complementa-la, por isso a necessidade de fazer um curso superior, para ele foi na graduação que ele de fato aprendeu a ser professor. Tanuri (2000), afirma que a organização didática dos primeiros cursos instalados no Brasil era simples e possuía apenas um ou dois professores que ministravam todas as disciplinas. Diante desse cenário afirmamos a importância dos cursos superiores para a formação nos professores, sem deixar de levar em consideração o quão relevante o magistério foi para a época.

A autora Tanuri (2000) em seu texto *História da formação de professores*, traz algumas críticas feitas ao HEM- Habilitação Específica para o Magistério- , dentre elas destaca-se a divisão que era feita entre teoria e prática, a falta de associação entre o processo de formação e a realidade do ensino, além do mais vale ressaltar, que o curso não tinha muito prestígio social, a autora ainda destaca que os professores que ministravam as aulas eram, “muitos dos quais não possuíam experiência no ensino de 1º grau e eram responsáveis por disciplinas múltiplas, o que comprometia a qualidade do ensino”. (Tanuri, 2000, p. 82).

Sobre a realidade de compreender a teoria e prática os professores entrevistados nos deram opiniões divergentes, para a professora Ana o magistério à preparou para dar aula e o estágio contribuiu para essa formação, como afirma abaixo:

O magistério me preparou bem para as atividades da sala de aula porque lá a gente tinha a oportunidade de fazer estágio e no estágio nós aprendíamos bastante coisa, [...]eu fiz estágio na sala de 1º a 4º série e na sala de educação especial, na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Abaetetuba). (Ana, 2025).

A opinião do professor João se opõe a essa afirmação, pois para ele “o nosso estágio era muito insuficiente, nós fomos para sala de aula na cara e na coragem”. A disciplina ministrada no magistério que deveria preparar os alunos para a prática na sala de aula era chamada de “O estágio da prática de ensino”, onde os alunos desenvolviam a habilidade de fazer essa integração entre teoria e prática.

Ainda sobre a importância do estágio e da teoria o professor João dialoga sobre isso fazendo uma relação com sua experiência na universidade, ele diz que:

Dentro da universidade deveria haver uma carga horária maior do estágio, pois é de fato na prática que se aprende, apesar de gerar mais custo e exigir mais, teríamos professores menos inseguros. (João, 2025).

Nessa perspectiva Nóvoa diz que a formação dos professores deve ter um entrelace entre teoria e prática, segundo ele “é assim que deve ser uma formação profissional como a formação de professores. Não é primeiro a teoria e depois a prática ou os estágios” (Lomba et.al, 2022, p. 2).

Embora o magistério tenha enfrentado entraves para seu sucesso na formação de professores, não podemos deixar de elucidar o quanto ele foi relevante para os professores da época, em seu relato a professora Ana afirma de forma enfática que “o magistério foi muito bom pra mim, ele me deu a oportunidade de conseguir um emprego”, e não só isso, mas a experiência de estar em contato com professores e com uma realidade nova, ambos os entrevistados falam sobre disciplinas e professores que foram importantes durante a sua jornada. “Eu amava os professores de história e geografia[...] pra mim o magistério teve um grande impacto na minha vida, porque não tinham muitas oportunidades então era uma forma das pessoas mudarem de vida” (Ana, 2025). Segundo o professor João, ele teve professores que influenciaram seus métodos de ensino, ele se inspirou a usar o modelo de ensino deles para dar sua própria aula. Sobre esses professores ele diz, “eles não davam a matéria e a gente que se virasse pra entender, eles se preocupavam em saber como a gente estava”. Ele relata que algumas disciplinas contribuíram bastante para sua formação, “fundamentos 1 e 2 da educação no magistério e didática geral na universidade”.

Mediante a fala dos entrevistados é válido afirmar que o papel do professor dentro da escola ultrapassa seus limites, os professores não são somente executantes do que se pede no currículo e o único transmissor de conhecimento dentro da sala de aula. Para Rêgo e Lima (2010, p. 9), “O professor tem o papel de mediar, porque ele está no meio, como agente de ligação entre o conhecimento e os aprendentes”.

Ao finalizar a nossa entrevista os sujeitos de pesquisas relataram sobre as perspectivas a partir de seu próprio olhar sobre as mudanças ocorrentes na educação desde o magistério.

As mudanças que ocorreram foram significativas, a educação teve muitos avanços, como a lei de cotas, livros didáticos, a obrigatoriedade de concurso público para professores [...], porém desde o tempo passado até os dias de hoje o professor é tratado como ‘extraterrestre’, eu penso dessa forma, por que apesar do governa buscar melhorias para a educação, os professores que são responsáveis por transmitir

essa educação, são tratados com descaso.[...] eu digo extraterrestre porque quando nós professores lutamos por nossos direitos, somos tratados como se tivéssemos falando de um assunto de outro mundo. (João, 2025)

Diante da fala do docente afirma-se que desde o passado até os dias atuais a educação enfrenta seus desafios, tendo ou não apoio governamental, é factual que os professores são sempre os sujeitos transformadores desse processo, e quase sempre vistos com uma situação negativista, António Nóvoa discute sobre isso e diz que é preciso refazer a visão do professor de uma outra forma, “temos de ser capazes de o fazer com palavras positivas, que chamem a atenção [...] para o trabalho extraordinário que é educar as novas gerações” (Lomba; Filho, 2022, p. 9).

DO MAGISTÉRIO À SALA DE AULA: DESAFIOS E REFLEXÕES

A transição do magistério para a sala de aula é um momento desafiador e transformador. O professor, ao sair da formação teórica e enfrentar a prática, percebe a complexidade do ensino, lidando com a turma, a adaptação dos conteúdos e a construção de estratégias pedagógicas eficazes. Freire afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 13). Isso reforça que a passagem do magistério para a sala de aula exige do professor mais do que apenas conhecimento teórico; ele precisa desenvolver habilidades para mediar o aprendizado, adaptar-se à realidade dos alunos e criar um ambiente propício para a construção do conhecimento.

A partir disso, refletimos sobre as experiências da Ana e do João como professores que passaram por diferentes desafios e perspectivas sobre a docência. Enquanto Ana descreve sua trajetória no magistério como positiva e sem grandes dificuldades “minha experiência no magistério foi muito boa, as crianças eram muito obedientes e respeitavam bastante os professores na época, isso fazia muita diferença” (Ana, 2025), João, no entanto enfrentou desafios significativos, especialmente no início de sua carreira e precisou se adaptar às limitações da época para conseguir ensinar.

Eu pensei em desistir logo no primeiro ano, mas tinha muitos amigos professores que me encorajavam (...), eu comecei a lecionar no sítio e a realidade era muito difícil, tinha crianças que não tinham experiência nenhuma com escola, eles chamavam na escola de ‘direto do lar’ essas crianças. (João, 2025).

A fala de Freire dialoga com as experiências dos entrevistados, evidenciando diferentes perspectivas sobre a docência. Ana, ao descrever uma experiência positiva e disciplinada, sugere um contexto em que o ensino ocorria possivelmente com menos barreiras estruturais ou sociais. No caso de João, ensinar não podia ser apenas a transmissão

de conteúdo; era necessário criar um ambiente propício para a aprendizagem, considerando a realidade dos alunos. Isso se alinha diretamente ao pensamento freiriano, que defende a educação como um processo ativo, no qual o professor atua como mediador, ajudando o aluno a construir conhecimento a partir de suas próprias vivências e contextos.

Considerando suas experiências e desafios, os entrevistados mencionam às técnicas de ensino utilizadas na prática, Ana utilizava livros didáticos e planejava suas aulas com base neles. Como ela lecionava para turmas multisseriadas, muitas vezes precisava criar planos de aula individuais para atender os alunos com diferentes níveis de aprendizado “às vezes eu precisava desenvolver um plano de aula para cada aluno, porque na turma tinha alunos que sabiam ler e escrever, mas também tinha os que não sabiam e por isso a necessidade de um plano de aula individual” (Ana, 2025). João, por sua vez, relata que na universidade teve disciplinas como Didática Geral, que o ajudaram a estruturar suas aulas “A didática geral norteou nossa cabeça para fazer planos de aula para diferentes turmas”. Porém na época do magistério, ele precisou desenvolver estratégias próprias, já que não havia uma formação específica para ensinar o básico. Ele iniciava o ensino com uma avaliação diagnóstica para entender as necessidades dos alunos antes de introduzir os conteúdos formais. As professoras Luciane Borges e Maria Vitória, no seu livro “Didática”, afirmam que:

O professor deve ter o compromisso de ensinar para que o aluno aprenda e, nessa perspectiva, deve atuar como um mediador (...). Nesse processo de mediação, encontram-se envolvidos: professores, alunos e os meios e os recursos didáticos que podem favorecer os processos de ensino e de aprendizagem (Rêgo; Lima, 2010, p. 28).

Esse trecho destaca o papel do professor como mediador do conhecimento, ou seja, ele não deve apenas transmitir informações, mas sim criar condições para que o aluno construa seu próprio aprendizado. Para isso, ele precisa utilizar métodos, recursos didáticos e estratégias pedagógicas que tornem o ensino mais acessível e significativo. A mediação envolve uma interação dinâmica entre professor, aluno e os meios de ensino, como materiais didáticos, tecnologias e práticas pedagógicas que favorecem a aprendizagem. O compromisso do professor, nesse sentido, é garantir que o aluno compreenda e assimile os conteúdos, desenvolvendo habilidades e competências para sua formação. Os professores entrevistados planejavam suas aulas de acordo com os métodos aprendidos mencionados acima. Ana seguia os livros didáticos para elaborar suas aulas, enquanto João estruturava suas aulas a partir da integração social dos alunos e do processo de adaptação ao ambiente

escolar. Seu objetivo inicial era garantir que as crianças soubessem manusear seus materiais escolares como lápis e caderno antes de avançar no aprendizado formal, o que ele chama de “processo físico do aluno”. É nítido que ambas as abordagens têm seu valor, e a escolha do método depende das necessidades dos alunos e do contexto escolar, as autoras Luciane Borges e Maria Vitória (2010), afirmam que o professor além de conhecer sua disciplina ele deve compreender como o aluno aprende e considerar o contexto social que esse aluno faz parte.

Os professores entrevistados além de falarem de suas dificuldades, eles nos impulsionam a refletir que ser professor (a) é marcar a vida de outras pessoas, pois um bom professor sempre será lembrado com carinho por seus alunos, que foi o caso dos nossos entrevistados, Ana sente orgulho de sua trajetória e do reconhecimento dos alunos “até hoje quando encontro algum aluno na rua, eles se lembram de mim (...), e muitos desses alunos hoje em dia estão formados” (Ana, 2025). Já João mede seu desempenho pelas reações dos estudantes, sentindo-se realizado quando recebe demonstrações de carinho e gratidão.

Quando um aluno se levanta da cadeira e te dar um abraço, uma criança de 8 anos, 10 anos e um rapaz de 17 e 18 anos, e diz que ‘você foi o melhor professor que eu já tive’, eu fico muito emocionado e penso assim, eu acho que eu tô fazendo o certo. (João, 2025).

O fato deles se importarem em serem pessoas positivas na vida de seus alunos, demonstra que a docência não se resume apenas em conteúdo, afinal,

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (Freire, 1996, p. 13).

Ou seja, a educação não é um processo mecânico, mas uma prática baseada em respeito, e de fato percebe-se nas respostas dos professores que essa fala de Freire é verdadeira.

Os relatos destacam que ser professor exige mais do que conhecimento teórico. É uma profissão que demanda adaptação, paciência e sensibilidade para lidar com diferentes realidades, quando um professor entra em sala de aula, ele precisa ser aberto a ouvir indagações, questionamentos, curiosidades, pois o aluno é um ser crítico (Freire, 1996). Ambos entrevistados demonstram que a educação é um campo em constante transformação e que o impacto de um professor vai muito além da sala de aula, refletindo-se na vida de seus alunos por muitos anos.

Considerações finais

A formação de professores do magistério é um tema que envolve diversas dimensões, desde os desafios enfrentados na formação inicial até as perspectivas e caminhos para a valorização e o aperfeiçoamento do ensino. Os dados obtidos nesta pesquisa revelam aspectos fundamentais desse processo, permitindo uma análise crítica sobre as dificuldades, as expectativas e as possibilidades de transformação na formação docente. Os resultados indicam que muitos professores ainda enfrentam obstáculos significativos durante sua formação, como a falta de recursos, metodologias ultrapassadas e a necessidade de maior articulação entre teoria e prática. Além disso, as percepções dos participantes evidenciam a importância de uma formação continuada que atenda às demandas da realidade educacional, promovendo o desenvolvimento de competências necessárias para um ensino de qualidade.

A partir das experiências dos docentes entrevistados, formados no magistério na década de 1990, é possível perceber como a formação daquela época influenciou suas práticas pedagógicas, tanto nos aspectos positivos quanto nas dificuldades encontradas no exercício da profissão. O magistério se mostrou fundamental na construção do conhecimento teórico e prático, permitindo que os professores aplicassem diretamente o que aprenderam em sala de aula. Além disso, a docência reforçou a necessidade de um ensino que vá além da simples transmissão de conteúdo, promovendo um aprendizado significativo e baseado na realidade dos alunos.

Referências bibliográficas

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOMBA, Maria Lúcia de Resende; SCHUCHTER, Lúcia Helena. **Profissão docente e formação de professores/as para a educação básica: reflexões e referenciais teóricos**. Educação em Revista, v. 39, p. e41068, 2023.

LOMBA, Maria Lúcia Resende; FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Os professores e sua formação profissional: entrevista com António Nóvoa**. Educar em Revista, v. 38, p. e88222, 2022.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986

PRODANOVE, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RÊGO, Luciane Borges; LIMA, Maria Vitória Ribas de Oliveira. **Didática**. Recife: UPE, 2010.

TANURI, Leonor Maria. **História da formação de professores**. São Paulo: Revista brasileira de educação. 2000.

XVI
FRPED